



Roceiros, campeiros e domadores: o ofício do trabalho escravo na Vila de Caçapava (1831-1839).

André do Nascimento Corrêa*

Resumo: Entende-se que a análise do patrimônio contido nos “bens de raiz” dos inventários *post-mortem*, permite elucidar melhor os agentes formadores deste contexto social. Por conseguinte o objetivo deste artigo é fazer uma análise nas características dos ofícios da população escrava de Caçapava presente nos de inventários, entre 1831 e 1839. Com isso, poderemos distinguir as especificidades da mão-de-obra escrava para o dado momento. A fonte utilizada foram todos os inventários *post-mortem* da década de 1830, chegando a um total de 61 processos. A partir da quantificação das informações que constam nestes documentos e uma análise qualitativa, discutimos entre outras questões, uma presença de escravos especializados. Foi realizado um diálogo bibliográfico acerca dos estudos sobre História Agrária e escravismo, entendemos estes como fundamentais para o devido trabalho. Este debate e a análise documental permitiram uma melhor compreensão das especificidades locais, elementos relacionados com o trabalho dos escravos, como a especialização da mão-de-obra, tais como: campeiros, roceiros, domadores entre outros. De tal modo, a apreciação destes dados descritos na documentação dará luz à questão dos ofícios do trabalho escravo presente nos processos de Caçapava para o dado momento.

Palavras-chaves: Escravidão. Trabalho. Sul do Brasil.

Abstract: It is understood that the analysis of assets contained in the "real property" of the post-mortem inventories, allows agents to further elucidate the trainers of this social context. Therefore the aim of this paper is to analyze the characteristics of the offices of the slave population of Caçapava present in the inventory between 1831 and 1839. This will allow us to distinguish the specifics of labor, slave labor for the given time. The source used were all post-mortem inventories of the 1830s, reaching a total of 61 cases. From the quantification of the information contained in these documents and a qualitative analysis, discussed among other issues, the presence of a skilled slaves. This was a dialogue of literature concerning

* Mestrando em História do Curso do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria, UFSM. Bolsista CAPES. Orientado por Luís Augusto Farinatti, Professor Doutro do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria, UFSM.



studies on agrarian history and slavery, we understand these as fundamental for the proper job. This discussion and document analysis allowed a better understanding of specific local conditions, elements related to the work of slaves, as the specialization of hand labor, such as cowboys, planters, trainers and others. In this way, the assessment of these data described in the documentation will give light to the issue of slave labor offices in the processes of Caçapava for the give time.

Keywords: Slavery. Work. Southern Brazil.

Introdução

Esta pesquisa tem como meta, a abordagem dos cativos que estão presentes nos processos de inventários *post-mortem* de Caçapava. No dado momento, esta vila, esta situada no centro-sul do estado do Rio Grande do Sul, possuía uma economia modesta e voltada para o mercado interno. Havia um plantel de escravos bem significativo nas unidades produtivas desta localidade. Sabemos que é plausível de diagnosticar certas características dos planteis com base nos inventários. Desta forma, destacaremos a quantidade de escravos presentes nos inventários. Esta fonte serve como uma fotografia de certos momentos, tendo ela uma sequência em serie, o que nos permite fazer análise serial quantitativa e análises qualitativas. Aqui, trabalhamos com todos os inventários do período de 1831-1839.¹

Foi possível revelar dados significativos, como a quantidade de cativos presentes nestas fontes, quais eram os seus ofícios, embora que isso nem sempre fosse possível de ser discriminada. Assim sendo, dentre outros elementos que podemos retirar destes processos para análise, destacamos também a questão das origens dos escravos, quando estes eram africanos ou mesmo os crioulos que são os nascidos no Brasil.

Os inventários também nos apontaram outras questões daquela sociedade, como bem mencionou Helen Osório:

No Rio Grande do Sul, destacavam-se entre os mais afortunados, aqueles que eram comerciantes e que ao mesmo tempo atuavam nas charqueadas; os estancieiros que se dedicavam, primordialmente, a agro-pecuária e os comerciantes lavradores, que atuavam tanto na área rural quanto possuíam imóveis urbanos. Apesar de se dedicarem a atividades diferentes, suas fortunas eram constituídas, em grande parte, pela propriedade de escravos.

¹ Foram catalogados e transcritos 61 processos de inventários *post-mortem* para Caçapava neste período, (APERS).



Estes marcavam, inequivocamente, a hierarquia social (apud XAVIER, 2009. p. 16).

Nota-se que era uma sociedade formada com bases em uma hierarquia social, em que o fato de ter um cativo apenas, em muitos momentos, poderia significar dentro outras coisas, o ser diferenciado, ou seja, ser um *senhor de escravos*. Esta prática de abrir um inventário era uma obrigação legal, embora saibamos que nem sempre eram cumpridos por toda a população, sendo alguns dos motivos as constantes guerras que esta província enfrentou.

Sabemos que os inventários *post-mortem* têm as suas limitações, porém, esta fonte é extremamente rica. Revela-nos o patrimônio de uma parcela da sociedade no qual os cativos faziam parte. A expressiva quantidade destes documentos corrobora para que tenhamos uma sequência considerável de informações sobre o tempo passado, e isso será fundamental para o seu entendimento.

1. Unidades Produtivas da Vila de Caçapava e seus Escravos

Tivemos, nos últimos anos, trabalhos que contribuíram para o avanço das pesquisas referentes à escravidão no Brasil. No entanto, para a primeira metade do século XIX, no que diz respeito ao sul do Brasil, existem regiões que ainda não receberam estudos específicos. Esta carência de pesquisas é percebida para regiões que tinham suas atividades econômicas vinculadas com um mercado interno. Porém, não pouco significativas, pois estas práticas estavam conectadas em uma teia econômica que passava pela pecuária até chegar a seu produto final o charque, sem desconectar jamais a produção de alimentos que era destinada para a dieta da população da primeira metade do XIX.

Notamos uma falta de pesquisas quando fizemos uma busca por trabalhos que tivessem como temática a escravidão e o cenário agrário para regiões de pequeno porte econômico como Caçapava. Esta cidade está localizada na região centro-sul do Estado do Rio Grande do Sul. Por conseguinte, regiões como esta, por muito tempo foram encaradas teoricamente com pouca importância para o mercado interno. Assim, pelo pouco que sabemos até então e, com base em inventários *post-mortem*, a economia da vila de Caçapava vincula-se nesta perspectiva econômica mais modesta, porém, não menos importante para o cenário agrário do dado momento com uma produção de gado e de alimentos voltado para economia provincial. Além disso, temos as relações sociais que estas práticas econômicas propiciavam para as



peças que viveram neste dado momento, que são extremamente relevantes para o entendimento deste cenário.

Portanto, os objetivos deste trabalho foram, em um primeiro momento, fazer um levantamento da matriz produtiva local, para averiguar sua base econômica. Em um segundo momento, elaboramos uma mostra quantitativa dos escravos existentes na vila de Caçapava; depois, em uma análise mais qualitativa, procuramos mencionar as origens e os ofícios dos cativos para termos uma noção mais clara tanto da matriz produtiva quanto da aplicabilidade da mão-de-obra escrava no período. Assim sendo, teremos uma avaliação da estrutura de posse de escravos para o dado momento na vila de Caçapava, baseada nas informações retiradas dos inventários.

Um dos aspectos a ser tratado refere-se à estrutura de posse de cativos e, relacionando esta com as atividades desempenhadas pelos proprietários de escravos. Segundo Luna (1982) “seu conhecimento, além de lançar luz sobre a estratificação social vigente na sociedade sob análise e representar valioso subsídio para o lineamento das atividades produtivas de maior significado em cada momento histórico [...]. À vista disso, evidencia-se claramente o entendimento das características desta localidade em foco, com a identificação de sua estrutura agrária.”

Nas análises feitas nos inventários, foi possível demonstrar, pelo menos, parte do perfil produtivo desta localidade. Havia, nesta região, uma boa quantidade de gado vacum, com as maiores cifras concentrando-se nas mãos de poucos proprietários, o que não era diferente para outras regiões. Havia também, uma produção de alimentos que pode ser percebida nas análises dos processos, quando estes têm arrolados espaços destinados para lavouras.

Ao observar as análises de Alegrete, pela obra de *Escravos do Pastoreio* de Luís Augusto Farinatti (2006), percebemos algumas semelhanças para esta vila, porém, com uma redução muito grande nas quantidades de gado e cativos, objetivos que aqui pretendemos abordar. Ao observarmos o montante de inventários *post-mortem* de Caçapava, foi possível detectar, à primeira vista, que tratava-se de uma região com uma quantidade de escravos importante, embora sendo composta por pequenas e médias unidades produtivas.

A análise relativa ao município de Alegrete, feita por Farinatti (2006) vai contra a historiografia tradicional, no sentido que esta apontava a economia sulina como sendo formada apenas por grandes pecuaristas e charqueadores. No entanto, nos últimos anos surgiram trabalhos de uma renovada historiografia, que assinalou uma diversificação no



campo. Estes estudos desmistificaram uma visão que as regiões sulinas eram apenas detentoras de “estancieiros”, e sinalizou para uma maior quantidade de pequenos e médios produtores. Este é o cenário que encontramos para Caçapava, em certos pontos semelhantes ao que encontrou Farinatti (1999, 2006, 2010). O trecho a seguir demonstra um pouco isso:

A presença de grandes estancieiros tem sido continuamente apontada pela historiografia. Contudo, ao lado desses vigorosos pecuaristas, aparece um número nada desprezível de produtores mais modestos, com menos de 1.000, 500 e até menos de 100 reses. Os médios e pequenos criadores de gado, já analisados por Osório nas áreas de colonização antiga, durante o período colonial, surgem expressivos também nas décadas de 1831 e 40, mesmo na Campanha, região tradicionalmente vista como palco único das enormes estâncias (FARINATTI, 2006. p. 143-144).

Quando cruzados os dados extraídos dos inventários *post-mortem* da vila de Caçapava, com as informações apontadas por Farinatti (2006), percebemos semelhanças, no tipo social desta região que estava longe de ser bi-polarizada.² Havia uma grande diversidade social, no que diz respeito aos proprietários e também a presença de uma população subalterna e os cativos. A análise dos inventários deixa bem clara essa situação dos produtores, onde existia uma predominância de pequenos e médios proprietários. Embora esta fonte tenha como principais representantes as pessoas mais abastadas, mas, podemos questionar o que é ser abastado e, se os inventários tocam apenas esta esfera, o que acreditamos que não. Também estudando a região de Alegrete, Graciela Garcia (2009) também faz menção a estes pontos de uma sociedade diversificada em Alegrete. Conforme a autora:

Apesar de até aqui termos demonstrado a existência não apenas de estancieiros, mas setores médios de criadores e até mesmo modestos pastores, que com seu pequeno rebanho não podiam garantir a sua subsistência sem trabalho sazonal, revelando ainda a existência de despossuídos entre os inventariados, ainda não tratamos do pólo oposto à camada mais afortunada: os escravos (2009, p.58).

Fica evidente que existia uma diversidade social. Garcia (2009) lembra muito bem que havia um lado oposto aos estancieiros, que era os cativos. Estas diferenciações não ficavam apenas no âmbito dos agentes sociais, existia também uma diversificação econômica bem

² Forma como era apontada pela historiografia tradicional ao trabalhar os personagens rio-grandenses, o estancieiro e o peão, o escravo praticamente não era abordado. Exemplo desta historiografia é Jorge Salis Goulart, com a Formação do Rio Grande do Sul de 1933.



elevada nesta região, porém, os maiores rebanhos vacuns, tanto para Caçapava como em Alegrete, estavam nas mãos de uma pequena parcela de grandes proprietários. Mas, também havia pequenos e médios produtores que os possuem, e isto também se estende na distribuição dos escravos. Assim, a complexidade das relações ali existentes era muito grande. Nesta amostra, temos muitos proprietários modestos que possuem uma quantidade bem razoável de cativos.

Na tabela “1” analisamos a posse de escravos em relação às unidades produtivas de Caçapava. Levamos em conta a quantidade de gado vacum existente nesta vila para delimitar as faixas produtivas com as reses arroladas nos inventários.

TABELA – 1
Relação da quantidade de gado vacum e a média de escravos por inventário para Caçapava (1831-1839)

Faixas	Quan. de Gado Vacum	Nº de Inventários	Nº de Inventários c/ escravos	% de Inventários c/escravos	Quan. de escravos	Média de escravos
1	0 – 100	31	26	84%	76	3
2	101 – 500	16	12	69%	56	5
3	501 – 1000	10	10	100%	92	9
4	+ de 1000	4	4	100%	81	20
	Total:	61	52	85%	305	6

FONTE: Inventários *post-mortem* de Caçapava 1831 a 1839, (APERS).

Análise da tabela “1” deixa muito clara a relação do ter gado vacum e escravos, embora que nem sempre sejam grandes vultos. Nesta mostra quantitativa, podemos chegar a estes valores, em que não percebemos um amplo número de criadores com rebanhos com grandes cifras. Desta forma, discordamos de Bruno Moraes que, em sua monografia referente à Caçapava percebeu a região sul sendo detentora de estancieiros com grandes rebanhos. Este autor mencionou que “não era incomum encontrar nos inventários dos moradores de Caçapava a presença de milhares de gado” (2008, p.26). Nossa amostra encontrou apenas quatro inventários com números superiores a 1.000 cabeças de gado.



Assim, nos deparamos com pequenos e médios proprietários de gado sendo representados por 71% dos inventariados de nossa mostra. Em muitos casos, ficando bem distantes de 1.000 reses. Nosso recorte apontou apenas quatro grandes inventariados que eram detentores de mais de 1.000 cabeças de gado vacum. Juntos, eles possuíam mais da metade de todo o gado vacum inventariado nestes anos da década de 1830. Não era de se estranhar que as médias mais altas de escravos estavam em suas escravarias.

A média de cativos para vila neste período era de 6 corpos para cada unidade produtiva. No entanto, os quatro maiores pecuaristas tinham uma média de 20 escravos, ou seja, três vezes mais do que os demais núcleos produtivos. Isso mostra uma grande disparidade. Esse quadro nos aponta para uma sociedade estratificada, com grupos distintos onde parcela destes estancieiros detinha o poder econômico local. Este poder estava ligado a sua base econômica do momento, o gado vacum, além de serem detentores de grande parte da força de trabalho do período, os cativos.

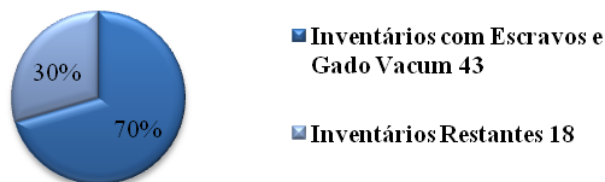
Em uma análise, em que foram levantados 61 inventários *post-mortem*, para o período em questão, destacamos que, destes, 52 tinham arrolado em seus bens de raiz cativos, isso representava 85% dos inventários trabalhados. Apenas 9 dos inventários não tinham escravos, isso representa 15% nesta amostra. O número total de escravos chegava a 305. Com isso, fica seguro afirmar que representava um número expressivo, ainda mais considerando se que esta vila não tinha uma produção econômica de ponta.

Quando comparamos nossos dados com a pesquisa de Farinatti (2006) sobre Alegrete, que também tem como base inventários, porém um recorte temporal um pouco maior 1831-1850, percebemos a presença extremamente relevante de escravos. Farinatti (2006) analisou um total de 74 processos, destes 62 com escravos, chegando a média geral de 10 cativos por propriedade, um total de 633 escravos soma bem superior à nossa, que chegou a 305, mais que o dobro. Já para as médias, estas se aproximam um pouco mais. Encontramos, em nossa mostra uma média geral de 6 cativos por proprietário, uma diferença de 4 escravos.

Ao observar os dados apresentados por Farinatti (2006), fica claro que a quantidade de reses que havia naquela região de Alegrete, era muito grande, com isso, não fica difícil de relacionarmos os cativos com as atividades produtivas da pecuária. Quando analisamos os dados de nossos documentos, visualizamos uma relação bem ampla entre os escravos e o pecúlio mais importante daquele momento, o gado vacum. Isso pode ser observado no gráfico a seguir.



GRÁFICO -1
% de Inventários com Gado Vacum e Escravos



FONTE: Inventários *post-mortem* de Caçapava 1831 a 1839 (APERS).

Dos 61 inventários trabalhados, 43 destes possuíam gado vacum e escravos, um valor que passa da metade do montante analisado. Por outro lado, apenas 30% dos documentos não apresentavam um dos dois bens arrolados, os escravos ou as reses. Estes dados vêm a corroborar Helen Osório (2007), Paulo Zarth (2002) e Luís Augusto Farinatti (2006, 2010) que em suas pesquisas já haviam demonstrado que a escravidão estava presente nas atividades produtivas do manejar o gado. Nossa amostra, esta alinhada com os estudos anteriormente citados, apontando para uma participação efetiva de escravos nas estâncias sulinas.

Também, corrobora para um ponto mencionado por Farinatti (2010), este demonstra que os cativos não eram somente exclusividade das famílias mais abastadas. Comprovamos isso com as faixas “1” e “2”, as mais modestas de nossa análise, representados na tabela “1”. Respectivamente havia 84 e 69% de processos com escravos. Nestas, foram percebidas que as unidades produtivas tinham uma média de escravos que variavam entre “3” a “5”, estas eram escalas dos menos abastados produtores tendo como base o gado vacum de nossa amostra.

2. Escravos Roceiros, Campeiros e Domadores

No entanto, não podemos dizer ao certo se a maior parte dos cativos que foram arrolados lidavam com o gado, ou seja, que tinham o ofício de campeiro, embora, este seja o que mais se repete com um total de 16 campeiros e esse número chega a um total de 26 quando somamos os 10 escravos que tinham mais de um ofício, pois todos eram campeiros e domadores. Estes, totalmente vinculados com a lida com o gado.



No ano de 1835 era aberto o inventário de Maria Magdalena de Jesus, nos seus bens pode ser destacado, dentre outras coisas, uma quantidade de gado vacum que a caracterizava como possuidora de uma unidade produtiva média. Além disso, foi possível visualizarmos uma quantidade relevante de cativos presentes em seu processo, nove escravos. Romão era um destes escravos, com idade de 12 anos, sendo de origem crioula e com seu ofício assinalado como campeiro.³ Desta forma, pode ser demonstrada a quantidade de escravos que, assim, como Romão, estava caracterizado com seu ofício. De tal modo, a apreciação destes dados descritos dará luz à questão dos ofícios do trabalho escravo presente nos processos de Caçapava para o dado momento.

Algo que compreendemos quando estávamos quantificando os ofícios, é que esses aparecem com uma maior frequência nos maiores plantéis. Porém, não podemos dizer que isso é regra, mas foi o que podemos notar nas nossas fontes trabalhadas. Para Alegrete, Farinatti (2006) também demonstra que os maiores plantéis eram mais constantes aparecem as profissões. Isso não exclui a presença do ofício para os plantéis pequenos. Mas, faz jus lembrar que muitos poderiam não identificar a ocupação de seus escravos, pelo fato deles não se dedicarem apenas a uma atividade. Como era o caso de João Mulato, escravo 30 anos de idade, falquejador, roceiro, campeiro e domador.⁴ Essas informações, por um lado, corroboram nossas ideias referentes aos diversos ofícios praticados pelo mesmo indivíduo, mas, está na maior escravaria do dado momento.

Na tabela “2” fizemos um levantamento dos ofícios que mais se repetiram nos processos. Embora, a grande maioria dos escravos, 87% estivesse sem referencia, conseguimos diagnosticar alguns ofícios, segundo que representam 13%. Dentro deste universo que era o cativo, havia 105 escravos com idade produtiva dos 15 aos 44 anos,⁵ destes 67% eram homens, embora houve-se escravos com idades menores de 15 anos com ofício, como o caso do campeiro Romão anteriormente citado. Os campeiros era a profissão que mais apareceu, como anteriormente mencionamos, para Alegrete segundo Farinatti (2006), os campeiros também tinham uma maior representatividade. Mais um ponto que vem

³ Inventário post-mortem de Maria Magdalena de Jesus, ano 1835, autos 102, estante, 90, maço 4, Cartório de Órfãos e Ausentes. (APERS).

⁴ Inventário post-mortem de Antônio Adolfo Charão, ano 1835, autos 88, estante, 90, maço 4, Cartório de Órfãos e Ausentes. (APERS).

⁵ Estamos baseados no que se referem as idades produtivas entre 15 e 44 anos em SHWARTZ, Stuart. Segredos Internos. 1988. Livro analisado de 2011.



a corroborar nossa ideia, de uma sociedade que tinha como atividade central o manejar o gado vacum e a extração de seus derivados.

TABELA - 2
Distribuição de Cativos por Unidades Produtivas (1831-1839).

Criadores de Gado Vacum	Nº de Inven.	Escravos Campeiros	Outros ofícios	Dois ou mais Ofícios⁶	S/ Ref.	Total de escravos
0 – 100	31	-	1	-	75	66
101 – 500	16	4	-	-	52	56
501 – 1.000	11	6	2	-	84	92
+ de 1.000	4	6	10	10	55	81
Total:	61	16	13	10	266	305

FONTE: Inventários *post-mortem* de Caçapava 1831 a 1839, (APERS).

Dentro dos outros ofícios, estavam representados os roceiros, falquejadores, pedreiros, cozinheiros, curtidores entre outros. Não criamos um campo específico para cada um em nossa tabela que pouca quantidade de cada um destas especializações.

Os dados desta tabela “3” deixam clara a concentração dos ofícios dos escravos nas maiores unidades produtiva. Estes dados cruzados com o tamanho dos plantéis também nos da luz sobre a predominância de especializações dos escravos em escravarias maiores. Visualizando a tabela “3” podemos entender isso melhor. Embora, que seja uma quantidade modestamente dos ofícios dos cativos esta representação mostra uma variabilidade no que tange a suas atuações dentro deste contexto agrário.

Assim, podemos, com base nesses dados, sinalizar com uma maior propriedade as distinções dos núcleos produtivos. Em que tivemos a maioria das especializações ligadas ao manejar o gado vacum, com um total de 26 cativos assim, identificados. Além dos 16 que eram apenas campeiros, tinham 10 que eram domadores e campeiros. Destes 16 campeiros, 11

⁶ Todos eram campeiros e domadores, apenas em dois casos havia escravos com mais de dois ofícios. Ver nota 3.



eram africanos e 5 crioulos. Por outro lado, não desvinculamos o trato da terra, pois foram arrolados 5 cativos com o ofício de roceiros.

TABELA – 3
Ofícios dos Escravos Segundo o Tamanho do Plantel (1831-1839).

FTP*	<u>Escravos</u>		<u>Ofícios dos Escravos</u>				S/R
	Número	%	Campeiro	Roceiro	Dois ou mais Ofícios	Outros Ofícios	
1	12	4%	-	-	-	-	12
2 a 4	46	15%	1	-	-	-	45
5 a 9	78	26%	3	-	-	-	75
10 a 19	90	29%	7	2	-	1	80
+ de 19	79	26%	5	3	10	7	54
Total:	305	100%	16	5	10	8	266

FONTE: Inventários *post-mortem* de Caçapava 1831 a 1839, (APERS).

Assim, de um total de 305 escravos que foram arrolados, visualizamos uma soma significativa de campeiros, em um primeiro momento parece ser números simplórios. No entanto, é algo que vem a corroborar as especificidades dos cativos e as atividades produtivas do momento que giravam em torno das atividades da pecuária. Ainda mais que nossa pesquisa abordou apenas a década de 1830. Portanto, em nossas análises, foram verificados 39 escravos com ocupações, contando os que tinham um, dois ou mais ofícios, isso representa um total de 13% dos cativos com profissão.

3. Africanos, Crioulos e os Muitos sem Referência

As questões referentes as origem dos escravos por muito tempo vêm sendo trabalhadas pela historiografia brasileira. Dentro deste viés, primeiramente citamos os cativos de origem africana. As pesquisas presentes na obra *Tráfico, Cativo e Liberdade* organizada por Manolo Florentino (2005), nos mostram alguns estudos que apontam para um conjunto elementos desde as relações do tráfico, passando pelo cativo e chegando à liberdade.⁷

⁷ FLORENTINO, 2005.



Nossa análise não terá pretensões de explicar todos estes campos, mas citaremos elementos presentes dentro do cativo. Aqui levantaremos a questão da relação da origem dos escravos e ofícios. No gráfico a seguir, relatamos a quantidade de cativos e a sua origem.

GRÁFICO - 2
% de Escravos por Origem



FONTE: Inventários *post-mortem* de Caçapava 1831 a 1839, (APERS).

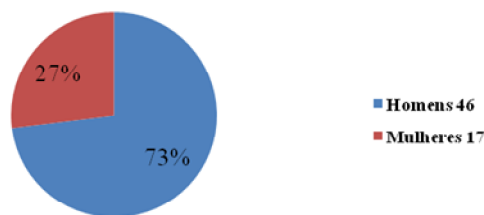
O gráfico entre outros elementos mostra a presença de africanos, e esta soma é bem relevante, chegando a um total de 63 cativos. Fortalece as questões do tráfico e, de um mercado interno que estava se abastecendo de mão-de-obra escrava. No entanto, não são os mais frequentes, quando comparada com os crioulos, os nascidos aqui, estes chegam ao total de 113 escravos. Mas, uma ressalva tem que ser feita, pois a quantidade de escravos sem referência chega a 129 cativos, assim, não podemos identificar com maior precisão qual era a origem que tinha uma maior frequência. Assim, não sabemos o certo qual era a origem de todos os escravos presentes nestas fontes, o certo é que havia 305 cativos arrolados nos processos. Talvez ao analisar os seus valores pudéssemos ter uma base para dizer quem eram os africanos e quem eram os crioulos, pois os africanos geralmente eram mais caros, mas poderíamos cometer equívocos.

Em concordância as pesquisas referentes à escravidão e, mais especificamente a que tratam sobre o tráfico, que é possível dizer que chegavam nestas terras brasileiras mais homens do que mulheres. Em nossos dados também foi possível perceber esta questão. Vejamos o gráfico 3:



GRÁFICO - 3

% de Africanos por Sexo



FONTE: Inventários *post-mortem* de Caçapava 1831 a 1839, (APERS).

Percebemos que a quantidade de homens africanos era superior a das mulheres, estes valores chegavam a quase três africanos para cada africana. Dentre estes africanos homens podemos perceber que existia uma quantidade considerável de cativos oriundo da África que eram arrolados como campeiros. A média de idade desses ficava em torno dos 29 anos, isso quando realizado os inventários. Estes poderiam ter chegado nesta região ainda jovem para aprender o ofício de manejar o gado, algo que não é tão simples nos dias de hoje, para o XIX as dificuldades com certeza eram maiores, ainda mais que os campos não possuíam cercas.

No gráfico seguinte percebemos a quantidade de escravos africanos campeiros.

GRÁFICO - 4

% de Africanos Campeiros



FONTE: Inventários *post-mortem* de Caçapava 1831 a 1839, (APERS).

De um total de 46 africanos temos 11 com ofício de campeiros, um número bem relevante, pois trata se de escravos que chegavam de além mar. Embora nossa mostra tenha uma maior quantidade de cativos crioulos estas porcentagens de africanos e bastante interessante para entendermos as especificidades do cativo, questão que já abordamos



anteriormente. Para Alegrete Farinatti (2006) encontrou um equilíbrio entre os africanos e os crioulos no conjunto dos escravos campeiros que tiveram ocupação declarada. Entre um total de 83 escravos campeiros, 26 eram africanos e 26 crioulos. Diferente do que encontramos aqui.

Conclusões

Nossas conclusões até o prezado momento são parciais. Mas, conseguimos perceber uma grande diversidade presente na vila de Caçapava. Nessa pequena amostra, foi possível visualizar diferentes características que formavam o contexto daquela região quando nos referimos aos escravos e seus proprietários. Desta paragem, destacamos a forma das unidades produtivas em que os cativos estavam inseridos, ainda que nem sempre aparecessem os seus ofícios, mas, o manejar o gado era evidente. Outro aspecto que foi possível de visualizar-se eram as relações referentes à origem, em que encontramos uma presença de africanos considerável, esta, está relacionada também sobre as questões alusivas ao tráfico no atlântico.

Deste modo, acreditamos que trabalhar com o tema escravidão é extremamente instigante e inspirador e, utilizar os inventários para tratar sobre os escravos, nos revela informações valiosas. Sem dúvida, o confronto com outras fontes contribuirá para o aprofundamento das pesquisas sobre o tema, ainda mais por tratar se de uma região com uma diversidade social saliente, dotada de médios e pequenos proprietários que economicamente seriam pouco relevantes para uma economia, mas nem por isso pouco importante.

Aqui, procuremos construir por meio das quantificações o possível para o período em questão que era 1831-1839, para assim, tentarmos reconstruir partes daquela sociedade, visando o cativo. Com os inventários, conseguimos perceber, por exemplo, que o tráfico chegava nesta paragem, pois o elemento africano foi encontrado. Além disso, visualizamos que os escravos estavam em sua maioria ligados aos grandes proprietários, sem excluir os menos abastados. Ou seja, a escravidão para estes anos não estava concentrada apenas nos plantéis dos grandes criadores, embora estes tivessem as maiores escravarias. Os cativos estavam nos bens dos lavradores, dos pequenos proprietários e também naqueles que não sabemos identificar qual era, ou quais eram as suas atividades produtivas.



Referências

Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), Inventários *post-mortem* do município de Caçapava do Sul, do período de 1831 a 1839.

ARAÚJO, Thiago Leitão de. **Escravidão, fronteira e liberdade:** políticas de domínio, trabalho e luta em um contexto produtivo agropecuário (vila de Cruz Alta, província do Rio grande do Sul, 1834-1884). Porto Alegre: PPGH/UFRGS, 2008. (Dissertação de Mestrado).

LUNA, Francisco Vidal. **Estrutura da Posse de Escravos**, In: LUNA, Francisco Vidal & COSTA, Iraci Del Nero da. **Minas Colonial: Economia e Sociedade**, São Paulo, FIPE/PIONEIRA, p. 31-55, 1982 (Estudos Econômicos FIPE-PIONEIRA).

FLORENTINO, Manolo (org.). **Tráfico, cativo e liberdade:** Rio de Janeiro, séculos XVII-XIX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FARIA, Sheila de Castro. **A colônia em Movimento:** fortuna e família no cotidiano colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FARINATTI, Luís A. **Sobre as Cinzas da Mata Virgem:** Lavradores Nacionais na Província do Rio Grande do Sul (Santa Maria, 1845-1880). Porto Alegre: PUCRS, 1999. Dissertação, Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul instituto de Filosofia e Ciências Humanas Curso de Pós-Graduação em História.

_____. **Confins Meridionais:** famílias de elite e sociedade agrária na Fronteira Sul do Brasil (1825-1865). Santa Maria: Editora UFSM, 2010.

_____. **Escravos nas estâncias e nos campos:** escravidão e trabalho na Campanha Rio-grandense (1831-1870). CD-ROM [do] VI Congresso Brasileiro de História Econômica. Conservatória (RJ): 2005.

_____. **Escravos do Pastoreio:** Pecuária e escravidão na fronteira meridional do Brasil (Alegrete, 1831-1850). Revista Ciência e Ambiente, n. 33 (jul/dez, 2006) Santa Maria: UFSM, 2006.

FERREIRA, Ricardo Alexandre. **Senhores de Poucos Escravos:** cativo e criminalidade num ambiente rural (1830-1888). São Paulo: UNESP, 2005.

FRAGOSO, João. PITZER, Renato. **Barões, Homens Livres Pobres e Escravos:** Nota sobre uma fonte múltipla – inventário *post-mortem*. In. : Revista Arrabaldes. Ano I, nº2, set/dez. 1988.



- GARCIA, Graciela Bonassa. **O Domínio da Terra:** conflitos e estrutura agrária na campanha rio-grandense oitocentista. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, 2005. (Dissertação de Mestrado).
- GÓES, José Roberto & FLORENTINO, Manolo. **A paz nas senzalas:** famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, 1790-1850. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- MATHEUS, Marcelo S. **Alforrias em Alegrete (1832-1871).** Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de História - Área das Ciências Humanas, do Centro Universitário Franciscano, como requisito parcial para aprovação no Curso de História. Santa Maria; 2009.
- MORAES, Bruno. **Os Sentidos da Liberdade:** o processo de manumissões em Caçapava do Sul (1850 – 1888). Monografia de Final de Curso da Universidade Federal de Santa Maria, Centro de ciências Sociais e Humanas Curso de História: Santa Maria, 2008.
- OSÓRIO, Helen. **O Império Português ao Sul da América:** estancieiros, lavradores e comerciantes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Martins, 1987.
- SCHWARTZ, Stuart. **Segredos Internos:** engenhos e escravos na sociedade colonial. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2011.
- SLENES, Robert. **Na Senzala, Uma Flor:** esperanças e recordações na formação da família escrava no sudeste do Brasil, século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- XAVIER, Regina Célia Lima. **A conquista da liberdade. Libertos em Campinas na segunda metade do século XIX.** Campinas: CMU/Unicamp, 1996.
- _____, Regina. **A Escravidão no Brasil Meridional e os Desafios historiográficos.** In. : **RS Negro** [recurso eletrônico]: cartografias sobre a produção do conhecimento / organizadores SILVA, G; SANTOS, J. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- ZARTH, Paulo Afonso. **Do Arcaico ao Moderno.** Transformações no Rio Grande do Sul do século XIX. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

Recebido em Setembro de 2011
Aprovado em Outubro de 2011